

A COLHEITA DOS DIAS

Editora Movimento, Porto Alegre

1º edição 1991

2º edição 1994

VALESCA DE ASSIS NARRA COM DOR

Romance: detalhe da capa de *A Colheita dos Dias*, editado pela Movimento

RICARDO CARLE

A epígrafe de *A Colheita dos Dias* foi retirada das *Confissões* de Santo Agostinho. O relato em primeira pessoa que forma o novo romance de Valesca de Assis, como o do santo, é um olhar cruel sobre um passado que se execra, mas do qual não se pode escapar. Agostinho expiava seus pecados. Letícia, a personagem-narradora, pune-se por sua alienação, pela fraqueza que a alijou da trágica desintegração de sua família. Valesca recorreu à estética da dor para compor um belo livro, cujo mérito maior é o cumplicamento do leitor pelo contágio da sensibilidade.

Isso não quer dizer que se trata de um recurso oportunista. Através do choro silencioso de Letícia percorre-se um túnel com paredes cobertas de quadros e algumas aberturas em que se pode distinguir a vida estúpida de uma mulher de origem rural. Descendente de imigrantes alemães, Letícia, a menina que se escondia do mundo na escuridão, casa-se com Modesto, típico estancieiro gaúcho, de uma virilidade provada na violência e nos puteiros.

Letícia continuará fechando os olhos. Não verá o seu verdadeiro marido, não enxergará a alma de seus filhos, nem de seu enteado Diogo. A consequência será a dor da expiação inócua, composta de um arrependimento que porta a semente da loucura. O despertar da consciência de Letícia, não coincidentemente, começa com a morte do marido. Seu diálogo confessional e punitivo está sendo feito com a filha morta, a vítima de uma violência tremenda a que Letícia assistiu, impávida, de olhos fechados.

COVARDIA – A covardia é o alvo de Valesca. Ela salta da narrativa em diferentes nuances, com graus diferenciados de perversidade, como um caminho sem volta, mas que cobrará seu preço. A comparação entre a postura da mãe e a da filha não permite que se suponha que Valesca proponha a desculpa da cultura machista. Letícia tem a cultura machista. Letícia tem a culpa em suas mãos, e ela

não lhe foi legada por qualquer estigma indelével. Esse reconhecimento faz seu coração sangrar. Mas isso não ressuscita cadáveres.

Na maior parte do texto, a escritura de Valesca é firme, mas é possível identificar alguns deslizes, ainda que quase irrelevantes. São trechos em que se imiscuem os reflexos dos clichês, algumas armadilhas que a mente, mesmo treinada, não consegue distinguir a tempo. São detalhes que não comprometem o excelente resultado. *A Colheita dos Dias* é uma recuperação da narrativa intimista, que com freqüência tem sido aviltada em textos simplórios ou piegas. Este segundo romance de Valesca de Assis comprova que ela não é apenas uma promessa como escritora.

A Colheita dos Dias – Valesca de Assis. Editora Movimento, 65 páginas. CR\$ 20mil.

ZERO HORA 2º caderno P. 6-7

9/06/1992.

VALESCA DE ASSIS E A SUA “COLHEITA DOS DIAS”

VALESCA de Assis, nossa colaboradora desde os anos 60, quando ainda menina residia nesta cidade, e já provava talento literário, está lançando seu segundo livro de ficção, “A Colheita dos Dias”.

O WALTER Galvani, que é bom julgador, afiança que a obra foi escrita com lágrimas, suor e muita dor, o que tece um vínculo profundo com os leitores.

O TESTEMUNHO me levaria a ler “A Colheita dos Dias” não houvesse lido “A valsa de Medusa”, livro de estréia de Valesca. Tenho, agora, dois motivos para a leitura do livro, que há de comprovar a arte de Valesca para mergulhar nos abismos da alma humana, o como o fez na estréia, romanceando uma passagem da colonização alemã na região de Santa Cruz do Sul.

A PREFEIRURA de Canoas, através da Secretaria de Educação e Cultura, adquiriu exemplares d’ “A Valsa de Medusa” e trouxe Valesca para autógrafos. Seria ótimo que ela fosse incluída no programa da Feira do livro desta Semana de Canoas. O longo esforço de O Timoneiro, estimulando valores locais, seria premiado de novo.

NO CASO de Maria Valesca um detalhe é muito revelador da sua força: ao contrário de outros, que precisam ser empurrados, ela pediu espaço e soube mantê-lo com a qualidade da sua colaboração.

O TIMONEIRO

12/06/1992

REVISTA – Canabarro Três

Ano 26, nº 1440. p.10

CANOAS, RS

VALESCA DE ASSIS SURPREENDE AINDA MAIS COM NOVO ROMANCE

A ESCRITORA Valesca de Assis, colaboradora desse jornal com a resenha dominical sobre livros, lançou terça-feira, na Casa de Cultura Mario Quintana, seu segundo romance, *A colheita dos dias* (Editora Movimento, 65 páginas, Cr\$ 20 mil). Seu primeiro livro, o também romance *A valsa da medusa*, obteve excelente aceitação crítica, com Moacyr Scliar definindo-a como “mais uma voz, lírica e forte, a soma-se aos novos autores gaúchos”.

Depois de excelente fortuna crítica e receptividade pública de *A VALSA DA MEDUSA*, lançamento da Editora Movimento, Valesca de Assis nos surpreende com um romance onde, à diferença do anterior, não há predominância de referências históricas. Versando o tema da desagregação emocional, vivida por uma personagem densa e por isso mesma sujeita aos desencontros existências. *A COLHEITA DOS DIAS* remete-nos aos meandros da alma com a segurança de quem sabe escrever.

Letícia, num longo monólogo-diálogo com a filha morta, reconstitui o universo de um casamento em que a essência é superada pelas aparências. Transplantada de sua família germânica para a estância de Modesto, seu marido e um autêntico luso-brasileiro, desde logo a protagonista é submetida aos códigos de uma sociedade marcada pela predominância masculina e pela benevolência tácita com a dissipação moral, por óbvio só consentida aos homens. Tudo, entretanto, é descoberto após a morte de Modesto, como uma espécie de dolorosa revelação a que a frágil estrutura de Letícia não resiste, mergulhando-a em suas sombras interiores. Sombras que também pertencem a nós e que continuamente nos espreitam e que são, em última análise, uma das marcas de nossa humanidade.

Assim os escritores e críticos falam a respeito de *A VALSA DA MEDUSA*, Valesca de Assis, ED. MOVIMENTO.

MOACYR SCLIAR: “Mais uma voz, lírica e forte, a somar-se aos novos autores gaúchos” (Zero Hora).

CHARLES KIEFER: “Avulta no novo trabalho de pesquisa, a construção pausada, tanto enredo quanto das personagens e o estilo real-naturalista, oscilando entre o narrativo e o descritivo. Como se fiel ao tempo sobre o qual se debruça, A Valsa da Medusa é exuberante e trágico” (O Continente).

PATRÍCIA BINS: “Valesca de Assis acaba de lançar o excelente romance A Valsa de Medusa, fundamentado em pesquisas históricas e criando, nesse plano de fundo, uma comovente história de amor. (..) Sua obra possui subsídios para a meditação do leitor, ao mesmo tempo em que a destreza e a agilidade narrativa constroem um texto de alto nível literário” (RG Cultura/Suplemento Literário de Minas Gerais).

DEONÍSIO DA SILVA: “Contida, mas sabendo dosar sua narrativa, Valesca vai nos contando uma história de amor tecida por sutis complexidades. (..) É candidata a uma das mais importantes estréias deste fim de século” (Verve).

ANTONIO HOHLFELDT: “A obra de Valesca de Assis é uma equilibrada mescla entre um enredo tipicamente romântico – uma desventurada história de amor – e uma linguagem bem fundada na contemporaneidade, pela frase curta, os cortes quase cinematográficos, a montagem das cenas, a síntese narrativa, enfim”.

DOROTHY CAMARGO GALLO – “A autora liberta-se das imposições históricas e passa sua sensibilidade e poder criativo com domínio dos segredos do ofício” (Suplemento Literário de Minas Gerais).

DANILO UCHA: “A Valsa de Medusa, de Valesca de Assis, revela uma nova ficcionista gaúcha, uma autora que foi buscar em parte da história do Rio Grande elementos para a manifestação de seu talento como narradora – tem uma frase curta e incisiva –e, principalmente, como criadora de situações ficcionais que atraem o leitor” (Zero Hora).

CARLOS URBIM – Com sensibilidade, Valesca mergulha na formação da cultura alemã no Rio Grande do Sul (...). Apesar de estreante, ela demonstra conhecer o ofício” (Zero Hora).

EUNICE GRUMAN: “Sem filtros mágicos, mas com a magia das complexas relações humanas, das circunstâncias criadas pela cultura, pelo meio social e pelo

mero acaso, sem a wagneriana identificação entre amor e religião, mas com uma história de amor cercada de misticismo, ainda que latente. A Valsa da Medusa é um livro que se lê de um só fôlego e com crescente prazer” (Jornal da Manhã, Aracaju).

JAIME CIMENTI – “Uma fascinante história de amor na colônia de Santa Cruz do Sul” (Zero Hora).

VITOR BIASOLI: “Uma história de amor. A valsa da Medusa mais terna que aquela da mitologia grega, mais igualmente capaz de enfeitiçar. De paralisar o homem e incendiá-lo de amor” (Kronica & Quixote).

SALIMEN JR: “O livro traz uma releitura do mito de Tristão e Isolda, transportado para o Rio Grande do Sul do início da colonização alemã. Fala de um amor impossível, sem ser piegas; o romantismo é tratado de maneira moderna e atual” (Zero Hora).

A NOTÍCIA

2º Caderno/Capa

18.06.92

Ano 58, nº 5.320

SÃO LUIZ GONZAGA/RS

A COLHEITA DOS DIAS

Fechando os olhos, apertando bem as pálpebras eu partia para outros mundos.

CECÍLIA ZOKNER

Jogo de ninguém sabido, inventado no escuro do porão em horas de castigo e da infância medrosa, levado para a vida. E a vida que lhe foi dada encerrou-se na proteção que lhe deram e naquela que ela buscou, recusando olhar o seu mundo de frente.

Letícia. Enjaulada entre o mundo do pai e do marido, persegue uma liberdade que nem sabe que é devida e que jamais poderá possuir.

O mundo do pai, ela deixa para trás ao atirar o buquê de noiva na igreja e partir pelo braço do noivo. Nesse mundo se misturavam um exacerbado rigor, as palavras duras de um idioma que não era o seu, os castigos no porão e as palavras gritadas no rádio que adentrava na casa, vindo do outro lado do mar: as palavras “do homem louco”, repetidas no escuro da sala na “língua atravessada” que era a de seus antepassados.

E o mundo no qual ela ingressa que lhe ata as mãos para o trabalho e não a deixa se ocupar dos filhos: não devia engomar as camisas do marido para não deixar “as negras abusadas, negligentes no serviço”. Não devia brincar com os filhos porque isso tirava a “única serventia dos filhos dos agregados”.

Encerrada no viver fictício que lhe foi preparado, entendeu apenas sucessivas e, sozinha diante dos dias que lhe restavam, somente lhe coube submeter-se outra vez à vontade alheia.

Para um interlocutor que não pode responder, Letícia refaz esse caminho. É sua voz de *A colheita dos dias* que a Movimento de Porto Alegre acaba de lançar.

Segundo livro de Valesca de Assis – o primeiro, *A valsa da Medusa*, foi publicado em 1990 também pelo Movimento – em breves páginas não apenas reconstrói um angustiante universo feminino, feito só de fracassos como esse

desencontro, com o qual se deve enfrentar a personagem Letícia. Oriunda de uma família germânica, o casamento a introduz numa família de estancieiros que a acolheram “com a vaga simpatia que os nobres dispensam aos ligeiramente inferiores”.

No monólogo, em que fatos de um passado recente se alternam com outros situados em vários momentos de um passado remoto, sobrepõe-se essa inércia de Letícia diante das circunstâncias e das situações que fazem a sua vida se diluir em ausências. Ao recordá-los, ingenuamente, faz também constar na sua história, os motivos que regem a sociedade em que viveu. Aparecem como rápidas centelhas que se desprendem da história individual mas com suficiente força para esboçar, no registro de rituais e preconceitos, o quadro social de uma sociedade conservadora e classista cujos valores não são bastante para impedir a sua desagregação.

Letícia não cabia no mundo de ordem preconizada pelo germanismo paterno: tampouco naquele do marido que não lhe permitia viver. Fechou os olhos para não ver. Mas nem por isso escapou da infelicidade que, então, lhe coube: conformar-se com as leis ditadas pelos homens.

LITERATURA DO CONTINENTE

2 de Agosto de 1992

CURITIBA - O ESTADO DO PARANÁ

DOROTHY GALLO ANALISA NOVA
OBRA DE VALESKA DE ASSIS

A escritora Dorothy Camargo Gallo escreveu a análise que estamos publicando aqui sobre o novo romance da nossa colaboradora, Valesca de Assis.

DOROTHY CAMARGO GALLO

Novo romance, a expectativa habitual. Supera o livro de esteia? Em 1990, renunciando o peso da bagagem a ser depositada nas estações subseqüentes Valesca de Assis iniciava a estrada com o romance A VALSA DA MEDUSA.

A COLHEITA DOS DIAS, escavado no mais fundo da existência humana, traz a autora de volta pela Movimento com um pequeno-grande-romance. O número de páginas é reduzido, mas chega-se ao final com sensação de se ter esquadrinhado um livro volumoso, tão denso seu conteúdo. “Dizem que o rio de sangue que une a mãe ao filho ainda no ventre, leva em sua correnteza mais do que o alimento: arrasta, junto, as emoções que duelam no coração materno” (Pág. 28).

Valesca de Assis é uma romancista despreendida das fragilidades femininas, livre para a plurisignificação, para diagnosticar doenças malignas enquistadas em famílias aparentemente imunes. “...” Pois tendo aqui” – e batia e batia a palma da mão nas folhas dobradas – “escritos de próprio punho por Francisco, os detalhes dos gozos, as declarações de amor, também as palavras de consolo que eu lhe dava: não era pecado ele sentir-se assim, mais mulher do que homem. Acontecia com muita gente. “...” (Pág. 44).

Por vezes o texto é poético sem deliquescências sentimentalóides. “ você não gostava de chuvas, filha. E, no entanto, possuía o dom de adivinhá-las nos vermelhos do sol, nas poeiras em torno da lua...” (pág. 46) Por vezes, a autora contrapõe e sobrepõe artimanhas, oculta os códigos morais, joga suas

personagens ao abismo e estabelece uma estonteante ordenação do imponderável.

A atenta leitura de COLHEITA DOS DIAS fará dimensionar inovado enfoque do grande mistério da morte.

A NOTÍCIA
Segundo Caderno/Capa
6/08/92
Ano 59, nº 5.334
SÃO LUIZ GONZAGA/RS

UMA NARRATIVA NO LIMITE DA LOUCURA

Poesia e delírio de Valesca de Assis em *A colheita dos dias*

Denso, poético, um mergulho profundo na vida e no que resta de encantamento. Assim pode ser resumido o belo romance *A colheita dos dias*, de Valesca de Assis (editora Movimento, 65 páginas). É uma narrativa da melhor qualidade que passa pela magia da palavra com surpreendente lucidez, até chegar aos contornos do desespero. O romance é escrito na primeira pessoa por Letícia, personagem que vive como uma sombra entre tantas outras que fazem parte de sua vida. Ela conversa o tempo todo com a filha morta, enterrando-se em lembranças e personalizando-se por sentimentos perdidos, numa trágica perseguição que impôs a si mesma.

A colheita dos dias – a intenção poética já está no título – é o segundo livro de Valesca de Assis, escritora gaúcha que chamou a atenção com o romance *A valsa de Medusa*. Recebeu elogios do escritor Deonísio da Silva. Para ele, Valesca é uma escritora “contida, que sabe dosar sua narrativa, candidata a uma das mais importantes estréias deste fim de século”. Não exagerou: como prova, esta nova obra.

Valesca de Assis conta que, para escrever o romance, decidiu trabalhar no limite da loucura. Deixa escapar que as sombras escuras misturadas à paisagem são reais, assim como real é a sua palavra que tateia à procura de luz. Para Letícia – a narradora – as perguntas se exaurem, quando sente o corpo gelado, à beira do desmaio: “Há um tempo que pára, indiferente, sem socorro, até que a vida volte, em pequenos sopros”.

Angustiante – Letícia é acusada de covarde, por não ter compartilhado a morte da filha. E contesta: “Mas, por que, então, nas últimas semanas me foram arrancadas tantas facas, tantas cordas, tantos venenos?” O livro segue nessa

linguagem angustiante, tecendo a dor silenciosamente entre o medo e o espanto, o ferimento e a falta de perspectiva.

O romance machuca, apesar de sua poesia. Uma literatura feita sobretudo com sensibilidade, mostrando um personagem que tente juntar seus pedaços, uni-los um a um, para poder ter paz. “Antes, é preciso acertar todos os meus erros, abrir-me com você na ferida que vai doer acima de todas, no ponto sensível: o seu nascimento”, diz Letícia à filha que não existe mais. Sua realidade é cruel: “Temos a vida inteira para arrastar correntes, para gemer nossa dor”.

VISÃO

19 de Agosto de 1992

FRAGMENTOS DA REALIDADE BUSCAM SENTIDO

VOLNIR SANTOS

Ainda que o comportamento humano seja desmedido, a cultura e a tradição são formas inibidoras da liberdade potencial do homem, segundo o psiquiatra Thomas Szasz (*ideologia e doença mental*. – Rio de Janeiro: Zahar, 1980). Desse modo, as pessoas vivem permanentemente sob a ameaça virtual da violência que, de acordo com o citado médico, pode ser física, quando a restrição é absoluta, e simbólica, no momento em que as pessoas, vivendo em comunidade, são afetadas pela organização social. Nesse segundo caso, insere-se a publicação do livro *A Colheita dos Dias*, de Valesca de Assis (Porto Alegre, Movimento, 1992).

Contada na primeira pessoa, a história de Letícia repete a vida de muitas mulheres que, casadas, sublimam a relação amorosa, transformando-a, posteriormente, em sentimentos que não condizem com a realidade vivida. Dramaticamente, essas pessoas buscam, como é o caso da narradora Letícia, aclarar o sentido vago e obscuro de vivências que se realizaram fragmentariamente. O resultado é um desajustamento que a personagem, de forma precária, tenta conciliar.

Toda a carga simbólica ambígua de *A colheita dos Dias* é motivo para Valesca de Assis exercitar o seu estilo, extraindo das palavras, ao invés de perplexidade e desordem, a intimidade e a ordem que o texto requer. Desse modo, a personagem Letícia, no desesperado discurso que dirige à filha morta, tenta moldar as palavras à possibilidade de vida real que ela não conseguiu viver. No impossível diálogo, ela se debate nas contradições de sua fala na primeira pessoa.

Inicialmente, racionalizando seu mundo, Letícia dá a impressão de que conquistou a vida e, por isso, imagina poder omitir o fato de que sua existência sustentou-se numa série de enganos: a incapacidade de realização como mulher, como esposa, como filha e como mãe. Num segundo momento, na construção de um (hipotético) mundo próprio (a parede onde tenta confinar-se com a filha morta),

Letícia se manifesta inconscientemente, nascendo daí os desejos e os fantasmas. Para resolver as tensões resultantes das situações de conflito, ela compensa as frustrações, levando a pulsão para o plano imaginário, a fim de obter a satisfação de forma simbólica. O resultado disso é a sua própria destruição. Neuroticamente, Letícia, incapaz de resolver de outro modo o seu conflito, tem um comportamento contraditório no qual, o mesmo tempo, tem a lucidez (Penélope e as idéias que daí decorrem) e o desequilíbrio (a satisfação que o suicídio, no final, simboliza).

No entanto, a fragmentação e o caráter de relatividade que o discurso de Letícia propõe são elementos significativos na construção da história, pois é a partir dessas circunstâncias que o texto se encaminha para os aspectos que exigem a participação do leitor. Afinal, o objetivo da ficção parece ser, permanentemente, as variações em torno da problematização do homem com a realidade. *A Colheita dos Dias*, nesse sentido, não se esgota num projeto imaginário, mas propõe a ultrapassagem do episódio explícito, indicando outros caminhos que, seguramente, podem ser trilhados.

É importante, num primeiro momento, lembrar que o drama pessoal de Letícia tem origem no interior da família de onde provém. Esse drama, de certo modo, vai repetir-se no momento em que constrói uma nova família, não só porque a sua aceitação de “estrangeira” é precária, mas principalmente por causa dos acontecimentos que vão ocorrendo à sua volta e de que ela, aos poucos, vai-se dando conta: o homossexualismo de Francisco, a paternidade de Diogo, o estupro da própria filha e o assassinato cometido por Modesto, o marido, a relação homossexual entre os meios-irmãos Francisco e Diogo, a sucessiva perda das propriedades.

Avançando em direção a uma compreensão maior do texto, acrescenta-se que a literatura, como acentua Roland Barthes, é categoricamente realista, porque tem sempre o real como desejo. Não fica difícil por isso, estabelecer uma relação de contigüidade entre a falência pessoal de Letícia e o momento histórico em que está inserida a narrativa, indicado, por breves referências, à época da 2ª Guerra Mundial e, portanto, aos momentos em que a ideologia nazista sensibilizou muitos brasileiros. Modesto é um referente, na medida em que sua ação, na narrativa, é

marcada não só pelo arbítrio (que se estendia das relações matrimoniais à vida social), mas, principalmente, pelo individualismo que sua figura representa como símbolo da violência: um homem capaz de violentar a própria filha é a imagem acabada da miséria humana, idéia que o nazismo representou num certo momento. Nessa perspectiva, *A Colheita dos Dias* indica que a questão política assume um papel significativo na história. Letícia, de certo modo, porque está envolvida com a família, culpa e dramas pessoais, ignora o seu próprio momento histórico e, por isso, não avalia corretamente a realidade. É ultrapassada por forças que ela desconhece. Nessa dimensão, o suicídio coincide com uma série de desequilíbrios que se processam na sociedade, os quais Valesca de Assis, eticamente, condena, mesmo que isso ocorra com uma certa dose de sentimentalismo.

É compreensível esse apelo ao sensível, caso se considere a circunstância de que o texto de Valesca de Assis, como forma narrativa, se impõe como um modo de abordagem das relações dramáticas do mundo cotidiano e familiar, o que de nenhum modo diminui a matéria ficcional. Ao contrário, é o seu poder de dramatizar, dialética e sentimentalmente, a vida humana que faz evidenciar-se um laivo romântico, desse romantismo que seria, ao final de tudo, uma derivação do elemento trágico que está presente em *A Colheita dos Dias*.

A colheita dos Dias, Valesca de Assis, Movimento, 1992, 65pp.

Volnyr santos é professor de Literatura Brasileira na PUC/RS.

O CONTINENTE
ANO IV, nº 26, p.23.

ASSIS, Valesca de. **A COLHEITA DOS DIAS**.

Porto Alegre. Editora Movimento. 1992.66p.

A COLHEITA DOS DIAS

RONALDSON

“O que temos a desvelar repousa justamente nas trevas”. Esta frase parece traduzir com veemência o romance **A Colheita dos Dias**, o segundo da gaúcha Valesca de Assis. Escritora que traz a marca da novíssima narrativa contemporânea, alinhada ao panorama literário do Rio Grande do Sul. Mais especificamente à linhagem de escritoras como Lia Luft, por exemplo. E que, entre outras, vem caracterizando um quadro singular, típico da literatura feminina daquela região.

A Colheita dos Dias é um mergulho abissal na desagregação de Letícia. Uma mulher de descendência germânica, oprimida pela rigidez e pela condição estrangeira da família no Brasil. E que encontra no casamento com Modesto, um luso-brasileiro de família tradicional e poderosa, a fuga da opressão.

Casada e também oprimida, a protagonista sofre a anulação total numa sociedade machista e patriarcal. Letícia vive na letargia, cega num mundo hipócrita e estratificado. E essa cegueira, esse “desvelar nas trevas” é o que o romance expõe: um quadro de escombros, um descer às catacumbas do humano e do existencial.

Após a morte de Modesto e da filha Virgínia, Letícia toma conhecimento de fatos contundentes de sua vida, por intermédio de Diogo. Filho bastardo de Modesto que revela o mau caráter do pai, as agruras de Virgínia e a homossexualidade do segundo filho de Letícia, Francisco. Entre outras revelações, Diogo intenciona herdar a propriedade de São Miguel na estância de Passo do Socorro onde se passa grande parte da história. Essa exposição cruel dos fatos deflagra a instabilidade emocional e psíquica de Letícia, evidente desde a infância.

No romance, depois do estranhamento natural da primeira leitura pelos cruzamentos temporais: passado e presente articulados (inter/intrapostos), criando quadros sensoriais convulsos, multiplicidade espacial e trama coesa, o leitor situa-se melhor na segunda leitura. Passa a viver, pela narração em primeira pessoa, frente a frente com o trágico: um embate vivencial. E nesse dialogismo (leitor/personagem) a leitura deduz pelo enunciado a Cida inócua, o “desestruturar-se” da personagem através do implícito. E pela enunciação, pelo não dito, que a força da personagem se caracteriza. Através da visceralidade narrativa. É nessa tensão entre laivos de lucidez e loucura que Letícia, num monólogo-diálogo com os ossos da filha falecida, rememora seu drama vivencial.

O romance é estruturado em frases curtas, o que cria uma anciã intencional. O arranjo vocabular exige fôlego na leitura e arrebatada. Concisão narrativa que se articula numa linguagem sinuosa, complexa, descontínua. Há cortes bruscos e não há seqüência de diálogos, o que formalmente manifesta a mulher introspectiva, desamparada e corroída pelo vazio.

O fascínio pelo porão desde a infância, reflete esse intimismo: as sombras interiores, os subterrâneos existenciais. O porão nada mais é do que a metáfora de todo o romance. A submersão mórbida nos labirintos de um discurso ensandecido. O porão, onde finalmente Letícia se enclausura.

Porém, apesar de bem construído e articulado, o romance peca na adjetivação; Nota-se que: “luto escuro do quarto”, “o rubor das pitangas maduras”, “tristes olhos açorianos cada vez maiores e mais melancólicos”, não convém à estrutura do romance. Este não permite o que se poderia classificar, a grosso modo, de uma “estética da redundância”. Ou então, excessos de detalhismo. Como no momento em que Letícia descreve perfeitamente todo o trabalho do capataz que veda a entrada do porão, demonstrando conhecer muito bem o trabalho de pedreiro (detém-se na massa, nos tijolos, no nível, no fio de prumo, etc). O que não condiz muito à debilidade da personagem tão sem acesso à praticidade do “mundo dos homens”. Detalhismo que destoa num romance tão enxuto, denso e dramático.

O final do romance é o máximo da dramaticidade. Letícia completamente louca, aprisiona-se com os ossos da filha no porão da sede de Passo do Socorro. Na espera de Diogo, herdeiro e novo proprietário. Este final poderá não agradar a certos leitores. Porém, o desfecho está perfeitamente dentro da perspectiva da obra. Existe uma unidade semântica e uma funcionalidade pela loucura da personagem. É patente que uma obra de temática tão rica como a opressão, e implícita toda a riqueza ideológica da mulher, da sociedade, da igreja, da morte e principalmente da loucura, permitiria uma multiplicidade de arranjos formais. E é o que transparece, em parte, no romance.

A Colheita dos Dias é a colheita de um passado ácido num presente solitário. Dez capítulos tensos, amarrados por uma gravidade instigante e existencialista que faz do romance, obra de inquestionável valor literário. O leitor fará uma boa colheita.

Ronaldson é nome literário de José Ronaldson Sousa. Poeta e estudante de Letras da Universidade Federal de Sergipe.

Suplemento Cultural do JORNAL DA MANHA
Ano 3, abril de 1993, nº 31 p.07
ARACAJU – SERGIPE

A COLHEITA DOS DIAS

LENIRA PEREIRA

(Formada em Letras pela PUC/RS)

Se a crítica aprovou o primeiro livro de Valesca de Assis, “A Valsa da medusa”, o que dirá do romance *A Colheita dos Dias*?

Não me considero uma crítica literária, e sim uma leitora comprometida, que compara, analisa e reflete sobre o que se lê. Digo com plena convicção que esse romance tem valor, pela linguagem fluente, metafórica e pelo conteúdo humano. (...)

A Colheita dos Dias reporta-me a Sófocles, com seu Édipo, aos meandros da vida, representada nas tragédias gregas, que faziam emergir nas peças de teatro as fraquezas humanas: relações incestuosas, infidelidade, homossexualismo, tendências libidinosas, muito em vigor à época. Num contexto semelhante, narra-se a *Colheita dos Dias*. A história da família Câmara também retoma os costumes gregos que se transplantaram e arraigaram nas sociedades ocidentais modernas, em que o pai exerce grande autoridade no núcleo familiar, sendo a mãe figura decorativa e o filho homem recebido com honrarias.

Vale a pena ler sessenta e cinco páginas, experimentando emoções novas em cada capítulo. Vem a ser até mesmo uma obra de cunho pragmático – no bom sentido – porque, em sendo curta, do tipo “short novels”, permite que a possamos ler em um dia, como na verdade o fiz.

Valesca de Assis, neste livro, nos faz captar a atividade humana, realizada através da personalidade da autora, como nos ensinou Herbert Read, porque arte sem humanidade do artista é uma casa desabitada; um vaso sem flor. (...)

Valesca certamente permanecerá como podemos ver abaixo, através de alguns fritos de sua colheita farta:

a) Linguagem metafísica: “uma força obscura agitava o ventre da terra: vulcões adormecidos ganhavam novos fôlegos, rasgavam a superfície e de montanhas e abismos se fez uma nova paisagem” (p.17).

b) Revelações das fraquezas humanas (mãe-filha): “naquele instante um desejo quase irrefreável de correr as mãos pelos seios arrogantes pela barriga lisa, pelas coxas vigorosas (...)”.

PORTO & VÍRGULA

Abril/Maio – 1993

Ano 3, nº 13, p. 2.

PAMPA TRÁGICO

ANTONIO HOLFELDT

Valesca de Assis estreou com “*A Valsa da Medusa*”, narrativa presa, de certa forma, às origens da colonização alemã no Rio Grande do Sul. Se segundo livro, “*A Colheita dos Dias*”, é um pouco a expansão e o aprofundamento daquele primeiro. No sentido de que se parte de ponto semelhante – a personagem é também herdeira de uma família alemã transplantada para o Rio Grande do Sul por força da imigração do século passado. Mas agora a personagem realiza um novo movimento, distanciando-se da origem – que lhe surge como marcada pela violência, incompreensão e isolamento (ver, a respeito, a passagem em que ela se sente como “uma ovelhinha negra, eu era, cercada de lobos muito brancos e ferozes”- pág.12) – para ligar-se a um outro tipo de família, a luso-brasileira, identificada com a grande propriedade rural, a estância.

“*A Colheita dos Dias*” constitui-se numa narrativa – melhor- num monólogo em voz alta, desenvolvido pela personagem central, *Letícia*, em plena desagregação mental, com uma hipotética filha, *Virgínia*, sobrevivente de uma tragédia que se abateu sobre a família. Na verdade, a mulher, solitária, vítima de desenganos extremamente violentos que destroem um mundo fictício que havia construído ao longo dos primeiros anos de casamento com *Modesto*, prepara-se para uma terrível vingança contra aquele que é, ao mesmo tempo, anunciador da realidade e, por extensão, responsável por sua infelicidade, além de constituir prova presente e irrefutável do que vai, pouco a pouco, revelando à mulher. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que mergulha fundo na conscientização de seus males e busca tal verdade até certo ponto com determinação e controle do processo que desencadeou, inclusive dando-se conta do papel que o alegado afilhado desempenha e quais os seus objetivos, *Letícia* também deixa de resistir à desagregação que a invade, transmutando-a em uma espécie de vingança terrível que consolidará ao final do relato:

“Finalmente, proprietário e senhor, governará os espaços de cima, as áreas iluminadas. Aqui, nas regiões inferiores, no porão dissimulado, garantiremos o inferno ao *Diogo* mau. Ouvirá gemidos melancólicos, e sentirá o gosto acre de suor e sangue no sabor das iguarias que vai exigir para sua mesa. Quando se deitar no colchão macio, duas ratazanas lhe roerão os olhos espiões, a língua destemperada, o juízo venenoso que seduziu *Francisco*. As almas dos mortos farão arrastar correntes por todas as longas noites em que pretenda dormir. Não, *Virginia*, ainda não. Temos a vida inteira para arrastar correntes, para gemer a nossa dor. Antecipando barulhos, você assustou o capataz”. (pág. 65).

Carregando consigo permanente fardo de culpa (“desataram novas culpas em meu peito”. Pág.9), ainda que seja fundamentalmente uma vítima, *Letícia*, incapaz de assumir a violência do universo que a rodeia, busca uma permanente fuga, eximindo-se de compreender e enfrentar os desafios. Assim, idealiza um *Modesto* salvador, nega-se a assumir as constantes traições do marido (de que o ‘afilhado’ – na verdade filho natural com *Eugênia* é apenas mais uma), até chegar aos terríveis limites que o mesmo ‘afilhado’, *Diogo*, na ânsia de assumir a propriedade rural, vai-lhe apresentando: os desvios sexuais de *Francisco*, a gravidez de *Virgínia* provocada pelo próprio pai, a amante de *Modesto* que certa tarde enfrenta *Letícia*, etc. *Letícia* não pode, especialmente, aceitar o ‘acordo’ firmado entre o pai e o marido para que o casamento seja mantido. Ao invés de reagir à traição do marido, prefere ressaltar o amor (enfim descoberto e admitido) do pai por ela, assim recuperar parte de sua alma infantil perdida há tanto tempo.

Valesca de Assis firma-se, com esse relato tão sintético quanto denso e seguro, entre os bons nomes das nossas novas gerações de escritores. De um lado, a influência de certa tradição germânica que já assinalei a propósito de Lausimar Laus ou Lya Luft: uma terrível herança marca as mulheres oriundas dessas famílias germânicas cuja disciplina e rígidas regras morais imobilizam e destroem suas filhas. Por outro lado, recupera a tradição da narrativa ligada à gauchesca, mas subvertendo-a sob dois aspectos: o relato se dá sob a perspectiva interna, psicológica, e, portanto, distanciando-se da epicidade, marca tradicional que caracteriza as narrativas ligadas a esse espaço. Também deve-se

ressaltar que ao optar pela perspectiva da mulher, Valesca de Assis revira pelo avesso a tradição da gauchesca, eis que, mesmo se reconhecendo que boa parte de nossos escritores foram capazes de reconhecer a importância da figura feminina nesse universo essencialmente masculino (e o melhor deles foi Érico Veríssimo de 'O Tempo e o Vento') nem por isso deixaram de fazer girar a ação romanesca em torno dos homens. Não é, contudo, o que ocorre com Valesca de Assis, e o arremate de sua narrativa bem o atesta. Talvez pelo lado da negação, da auto-anulação, mas de qualquer forma, enquanto uma escolha (consciente?), uma opção ativa, a personagem, ao emparedar-se, viva, assume o espaço e o papel que, ao longo da vida sempre ocupara naquele universo sem piedade – o espaço inferior, o porão – para dali, contudo, passar a exercer a sua vingança que, a julgar-se pela citação que fizemos anteriormente, será eterna.

A narrativa de “*A Colheita dos Dias*” (excelente título, diga-se de passagem), feita na primeira pessoa do singular, dá à narrativa uma ambigüidade eficiente. E o fato de se constituir enquanto um prolongado *flash-back*, aproximando-se da narrativa policial em que os elementos da trama são apenas pouco a pouco revelados ao leitor, prende nossa atenção até o final da obra, para um desenlace radical. Aliás, querem “*A Valsa de Medusa*”, quer nesse “*A Colheita dos Dias*”, Valesca de Assis, de certa maneira, está a recriar a perspectiva da tragédia: nesse universo, não há saídas possíveis, as personagens – femininas – estão condenadas desde o nascimento. Filia-se, assim, a escritora, à corrente – não diria feminista, que me soa lugar comum- mas feminina – de autores que escrevem denunciando e refletindo sobre a condição da mulher num universo ainda dominado e movimentado pela vontade do homem.

A COLHEITA DOS DIAS

De Valesca de Assis. Editora Movimento, P. Alegre, 1992. 64 páginas.

JORNAL DO SUL

28/05 a 3/06/93 . Ano II, nº 65, p.13

Porto Alegre, RS.